

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MARIA APARECIDA LEITE

DIVERSIDADE CULTURAL NO CONTEXTO ESCOLAR

ITAPORANGA – PB

2014

MARIA APARECIDA LEITE

DIVERSIDADE CULTURALNO CONTEXTO ESCOLAR

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof.^a Me. Carla Maria Dantas Oliveira

ITAPORANGA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L533d Leite, Maria Aparecida
Diversidade cultural no contexto escolar [manuscrito] / Maria
Aparecida Leite. - 2014.
48 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.

"Orientação: Carla Maria Dantas Oliveira, Departamento de
UEPB".

1. Diversidade Cultural. 2. Escola. 4. Pluralidades. 3.
Currículo. I. Título.

21. ed. CDD 306

MARIA PARECIDA LEITE

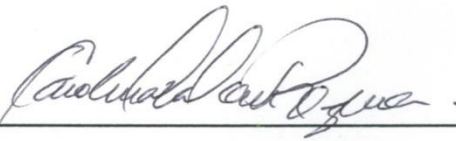
DIVERSIDADE CULTURAL NO CONTEXTO ESCOLAR

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

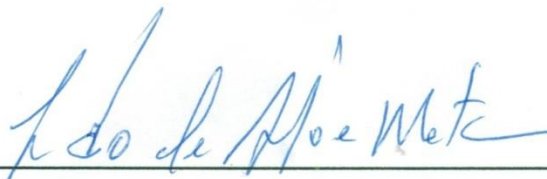
Aprovada em: 19 / 07 / 2024



Prof.^a Me. Carla Maria Dantas Oliveira - UEPB
Orientadora



Prof.^a Me. Carolina Cavalcante Bezerra - UEPB
Examinadora



Prof.^o Dr. Leonardo Mota - UEPB
Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico esta e todas as minhas demais conquistas, ao meu querido pai Domingos, ao meu filho Nicolau kellyano que sempre me apoiaram nesta luta e caminhada da vida, incentivando ao meu crescimento acadêmico.

AGRADECIMENTO

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada.

Aos meus pais, irmãos, meu filho e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

À minha orientadora Carla Maria Dantas Oliveira pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

Aos professores e coordenadores do curso, pelo convívio, pelo apoio, pela compreensão e pela amizade,

E indiscutivelmente, agradeço a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Bernardino Bento pelo apoio e credibilidade em meu trabalho e o incentivo na idealização de meus objetivos. Aos meus amigos e colegas de profissão pelo apoio, dedicação e companheirismo ao caminharem junto comigo nessa longa e feliz jornada.

“Não há saber mais ou saber menos: Há saberes diferentes.”

Paulo Freire

RESUMO

Intitulamos a sociedade atual de global, plural, diversa, pluriétnica e marcada por uma conjuntura de conflitos, preconceitos e racismos dentre os diferentes grupos que a forma. Nesse contexto, o presente trabalho monográfico abordará a temática da diversidade cultural, problematizando o papel pedagógico desenvolvido pela escola para o trabalho com a diversidade e sua proposta curricular no desenvolvimento dessa prática educativa. A diversidade cultural está presente no dia-a-dia do contexto escolar, expressando-se nas diferentes formas de criação, produção, difusão e fruição das expressões culturais e entre as inúmeras formas de representação. Mas é importante ressaltar que para o desenvolvimento dessa abordagem, é necessário ir além da constatação de contemplação e do folclore que muitas vezes se faz em torno das diferenças existentes. Por isso, a pesquisa empírica possibilitou-nos perceber como algumas diferenças viram sinônimos de defeitos em relação a um padrão dominante. Esta pesquisa foi desenvolvida na escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Bernardino Bento, localizada no Município de Aguiar-Pb, nas turmas de Educação Fundamental I e II, e nas turmas de EJA - Educação de Jovens e Adultos.

Palavras-Chaves: Diversidade Cultural. Escola. Currículo. Pluralidades.

ABSTRACT

Have entitled the current global society , plural , diverse, multi-ethnic and marked by a situation of conflict , prejudice and racism among the different groups that form . In this context, this monograph will address the issue of cultural diversity , questioning the pedagogical role played by the school to work with diversity and its curriculum proposal in the development of this educational practice. Cultural diversity is present in day- to-day school context , expressing itself in different forms of creation, production , dissemination and enjoyment of cultural expressions and among the numerous forms of representation . But it is important to emphasize that the development of this approach , it is necessary to go beyond the observation and contemplation of folklore that often does around the differences . Therefore , empirical research has enabled us to understand how some differences seen synonymous with defects in relation to a dominant pattern . This research was developed at the School of Primary and Secondary Benedict Bernardino , located in the municipality of Aguiar - Pb , Elementary Education in classes I and II , and in adult education classes - Youth and Adults

Key Words : Cultural Diversity . School. Curriculum. Pluralities .

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Dados Demográficos da Pesquisa	39
TABELA 2	Mapeamento étnico	45

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Distribuição da amostra: Você considera que a escola valoriza e respeita a sua cultura?	40
GRÁFICO 2	Distribuição da amostra: Você alguma vez você já foi alvo de discriminação na sua escola?	42
GRÁFICO 3	Distribuição da amostra: Você considera que em sua escola, existe alguma cultura dominante ou algum grupo de alunos a qual é dado mais atenção diferenciada dos outros?	43
GRÁFICO 4	Distribuição da amostra: Como você vê a interação entre os alunos?	44
GRÁFICO 5	Distribuição da amostra quanto ao que consideram a diversidade cultural	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 DIVERSIDADE CULTURAL NO CONTEXTO ESCOLAR.....	14
2.1 A Escola enquanto campo social produtor e reproduzidor de cultura.....	16
2.2 As práticas educativas como indicadoras de pertencimentos sociais.....	18
2.3 O conceito da pluralidade cultural presente nos PCN'S.....	23
3 IDENTIDADE E DIFERENÇA: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL.....	27
3.1 O poder escolar e o desafio docente.....	30
3.2 As políticas escolares frente à diferença.....	34
4 SIGNIFICADOS E DESAFIOS DO TRABALHO COM A DIVERSIDADE CULTURAL: UMA AÇÃO PEDAGÓGICA.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	50

1 - INTRODUÇÃO

Nos dias atuais a palavra diversidade vem sendo empregada nos mais variados segmentos da sociedade, nos ambientes de trabalho, na televisão, nos espaços de convivência coletiva, enfim, em todo contexto social.

Num tempo em que as transformações se processam a uma velocidade nunca antes vista, que as identidades se constituem múltiplas no espaço social, não abordar a temática da diversidade cultural no espaço educacional é permitir que a existência de diferenças entre os alunos possa levá-los à prática da intolerância, da discriminação, do constrangimento e muitas outras consequências do preconceito, ignorando inutilmente uma realidade que subsiste alheia à vontade desses ou daqueles.

A abordagem do termo diversidade cultural torna-se relevante a partir do momento em que a escola desenvolve uma prática pedagógica, que procura atender a sua clientela igualmente, dos mais sensíveis aos mais práticos, dos mais competitivos aos mais colaborativos, dos que apresentam formas diferenciadas de apropriação do conhecimento, dos vindos de famílias tradicionais e dos que se constituem de modelos diferenciados de formação familiar.

Podemos admitir que hoje o grande desafio para nós educadores é saber lidar com as diferenças culturais e sociais no meio educacional. A cultura é algo que identifica um grupo de pessoas, norteando o comportamento que foi interiorizado ao longo do tempo, através da educação que foi transmitida pelo ambiente familiar, marcando as diferenças entre nós e os “outros”.

Ao observarmos bem de perto perceberemos que são muitas as diferenças: religião (católicos, evangélicos, espíritas, umbandistas, budistas, judeus etc), tipos físicos (altos, baixos, gordos, magros, bonitos, feios etc), raça (brancos, negros índios, pardos), sexo (homens, mulheres) e outras diferenças como, por

exemplo, aquelas chamadas de necessidades especiais, portadores de deficiência auditiva, visual, cadeirantes etc. e ainda, as de orientação sexual (heterossexual, homossexual, bissexual) e geracional (jovens, adultos, idosos).

Abordaremos alguns temas pertinentes a esses assuntos de forma breve, porém reflexiva, dando importância ao entendimento da escola e sua conduta diante dessas situações que se fazem corriqueiras. Esse trabalho foi elaborado através de pesquisas e entrevistas feitas a estudantes com o objetivo de analisar o a diversidade cultural no contexto escolar. Entendemos que é a partir do diálogo que se foi possível disseminar ideias e sentimentos de igualdade que serão geradores de paz e acabarão por finalizar todo tipo de conflito vindo da desigualdade. É preciso entender que desigualdade não quer dizer inferioridade, mas convivência de múltiplos com os mesmos direitos e deveres.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa em um primeiro momento abordamos alguns conceitos essenciais para o entendimento de cultura que, segundo Laraia (2001), se estabelece em um modo de ver o mundo, uma forma de organização da vida social. Nesse contexto, a escola se constituirá enquanto campo social produtor e reproduzidor da cultura, estabelecendo uma forma e um padrão produtor de uma realidade social.

Em um segundo momento de nossa análise, nos utilizamos do conceito de identidade para dialogar com o processo de pertencimento e exclusão existentes, enquanto problemáticas, no contexto escolar e como a identidade social é caracterizada essencialmente pela forma como nós próprios nos vemos e vemos o “outro”, também construtor do meu próprio “eu”. Nesse contexto, a análise se desenvolveu na identificação da escola enquanto espaço produtor da realidade social e a educação um ato de conhecimento e conscientização, onde o grande desafio docente é o trabalho pelo respeito as diferenças que nos constitui.

No terceiro momento de nossa pesquisa, intitulada “Significados e desafios do trabalho com a diversidade cultural: uma ação pedagógica”, traz nosso campo de pesquisa, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Bernardino Bento, onde foram realizados a aplicação de questionários entre os alunos do ensino

fundamental I e II, afim de se produzir uma análise sobre os desafios que englobam a promoção da diversidade cultural no espaço escolar.

2 - DIVERSIDADE CULTURAL NO CONTEXTO ESCOLAR

Cultura é tudo aquilo que inclui o conhecimento sobre crenças, arte, moral, costumes e todos os outros hábitos adquiridos na vivência social pelo homem. Recebido como uma herança dentro de um grupo, a cultura o identifica, o constitui como resultado do meio cultural em que foi socializado, herança de um longo processo acumulativo vivenciado por inúmeras gerações. Mas como processo de vivência, o homem se constitui enquanto produto e produtor de seu meio, se constituindo e constituindo crítica do recebido e aprendido, o que lhes permite inovações e invenções, simbologias outras que torna possível sua perpetuação e existência do meio social.

Cada grupo é identificado por um tipo de cultura, que o diferencia e também institui bases comparativas de percepção para com o outro. Essa definição de cultura é entendida como um modo de vida, uma percepção do contexto de existência, uma singularidade que o constitui enquanto integrante de um determinado grupo, através de apreciações de ordem moral e valorativa, formada por simbologias, valores, língua, religião, sistema de ensino, elementos outros e diversos que identificam, diferenciam e classificam os indivíduos no meio social.

A cultura é variável no tempo e vai se transformando na vivência e no processo de comunicação e transmissão de sua existência. Elementos como modo de agir, vestir, caminhar, comer se alteram diante das novas necessidades constituídas entre as gerações, estas localizadas em um tempo e espaço de vivência, produzindo bem estar para alguns e para outros uma metamorfose imposta e, portanto, de grande violência simbólica.

Alguns grupos podem vir a sofrer com a cultura, ou melhor, com a imposição de padrões e normas de vivência estabelecidas para com o outro. Para citar um exemplo dessa violência, trazemos o processo de aculturação impostos pelos europeus aos habitantes do “novo mundo,” retratando a violência do contato

do homem branco com o índio, esse tido como o deferente, o desconhecido, de valores lidos pelas lentes da inferioridade. Esse contato marcou a imposição de valores culturais de um grupo para com o outro e o uso da força física, tecnológica, subjetiva para o contexto da dominação. A cultura produz um sistema de classificação, sistemas simbólicos de identificação e exclusão que negam características do outro por não serem semelhantes as suas e em muitas circunstâncias, como o encontro entre europeus e indígenas, esse choque, produzido no encontro com a diferença, com o desconhecido o não reconhecimento das diferenças foi produtor de violência.

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura (LARAIA, 2001, p. 36)

A cultura implica em certa medida à homogeneidade do ser, o modelamento do indivíduo de acordo com os interesses do grupo a qual pertence. As instituições sociais como a família, religião, escola, produtoras de identidades sociais, são ótimos exemplos desse processo de modelamento no mundo moderno, com a funcionalidade de produzir indivíduos aptos ao convívio social.

Homens e mulheres precisam de uma existência unificada. Sua participação em uma cultura é um dos fatores que lhes proporciona o sentido de pertencer a algo. A cultura dá um sentido de segurança, de identidade, de dignidade, de ser parte de um todo maior e de partilhar a vida de gerações anteriores e também das expectativas da sociedade com respeito a seu próprio futuro. (SANTOS, 2012, p. 16).

De acordo com Santos, (2012), a cultura é algo humano, no sentido em que se relaciona com o homem, em sua individualidade e em seus relacionamentos sociais, e com o meio em que vive. Cultura é tudo aquilo que não é natureza, ou seja, tudo o que é produzido pelo ser humano. Por exemplo: a terra é natureza e o plantio é cultura. É o desenvolvimento intelectual do ser humano, são os costumes e valores de uma sociedade, cultura significa que o homem não apenas sente, faz e age com relação à cultura, mas também pensa e reflete sobre o sentido de tudo no mundo.

2.1 - A Escola enquanto campo social produtor e reproduzidor de cultura

De acordo com Silveira, Nader e Dias (2007, p. 36)

De um modo geral, a educação, tem por finalidade proporcionar condições de entrada e de aumento de cidadania mediante métodos educativos, de sistematização das noções socialmente acumuladas pela humanidade. Tais noções são formalizadas no âmbito da escola cuja função primordial é a construção de conhecimentos gerais que permitam aos educandos apropriarem-se dos bens culturais historicamente produzidos pela sociedade.

De tal modo, sistematizar e difundir os conhecimentos elaborados historicamente e divididos por uma motivada sociedade, é função primordial e social da escola. Assim sendo, os processos educativos mais comuns e, especialmente aqueles que incidem internamente, estabelece-se em dinâmicas de socialização da cultura.

Em função dessa perspectiva, pode-se elucidar que o sistema educacional deve constituir-se de metodologias socializadoras, civilizatórias, de formação de sujeitos no ponto de vista de se tornarem agentes de amparo e de proteção aos processos de normatização social.

Nessa perspectiva, a educação opera como instituição normalizadora dos padrões de sociabilidade, imprimindo e constituindo identidades sociais, objetivando desenvolver cidadãos críticos e influentes numa definida sociedade. Uma educação exclusiva, que produz diálogo a partir de determinados referenciais, dentre eles a localização e ordenamento social. A escola enquanto campo social produtor e reproduzidor de cultura se estabelece em lócus excepcional de um conjunto de atividades que, de maneira sistemática, continuada e ordenada, contesta pela formação primitiva da pessoa, situando-lhe frente ao mundo social.

De acordo com o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2006, p. 32)

A escola, no âmbito específico de sua atuação, pode contribuir para a realização de ações educativas que visem fomentar/estimular/promover a cultura dos direitos humanos mediante o exercício de práticas educativas de promoção e fortalecimento dos direitos humanos no espaço escolar, ajudando a construir uma rede de apoio para enfrentamento de todas as formas de discriminação e violação dos direitos.

Tendo como finalidade o combate a atitudes e condutas inflexíveis e preconceituosas contra grupos e/ou indivíduos vulneráveis ou em situação de risco pessoal e social, deve ser incluso na escola, em seu currículo, a problemática da diversidade sociocultural.

Nesse contexto, o espaço escola adota e desenvolve projetos e programas educacionais e culturais, com ajuda das redes de assistência e de proteção social, que visam a promoção de uma cultura de paz, precaução e o enfrentamento das mais variadas forma de violência existentes.

Cabe à escola, lugar por dignidade de sistematização dos conhecimentos determinados pelo meio social, praticar e ampliar uma pedagogia de participação e de democracia, constituída no diálogo e na historicidade do ser humano, que compreenda conteúdos, metodologias, valores, costumes e procedimentos dirigidos para a concepção, solicitação e defesa dos direitos humanos, assim como para a sua retaliação em caso de violação.

Diante das transformações e intensificações vivenciadas no contexto atual, de identidades fragmentadas, como nos diria Hall (1987, p. 156), a escola se estabelece enquanto espaço multifacetado, necessitando adequar-se a nova realidade social de natureza multidisciplinar. Seu projeto político pedagógico deve se estabelecer da necessidade de uma convivência outra com a diferença em sua forma e conteúdo. Assim, poderemos perceber uma cultura escolar que exercite e beneficie o protagonismo de crianças e adolescentes como sujeitos de direitos, colaborando para a construção e a expansão das metodologias de cidadania coletiva e ativa.

Partindo desse pressuposto, as práticas educativas devem ser pensadas e desenvolvidas levando em consideração a vivencia do educando, considerando uma pedagogia constituída no diálogo, na participação coletiva. Pedagogia essa que

pode ser potencializada mediante a concretização de oficinas pedagógicas, roda de conversa, debates, círculos de cultura e de lazer, entre outros.

Não se pode elucidar sobre a socialização de uma cultura na escola, sem constituição de espaços participativos exclusivamente possíveis através de uma interatividade e participação de seus agentes.

No desenvolver de sua função social, a escola, necessita defender o respeito à diversidade e a tolerância a diferença, no desenvolvimento de ações democráticas, levando em consideração as diversas maneiras de pensar, agir e sentir, informações indispensáveis à boa performance do professor que tenha em vista a construção de uma cultura escolar baseada na vivência com a diversidade.

2.2 – As práticas educativas como indicadoras de pertencimentos sociais

Segundo Edgar Morin (1997), é a partir dos finais dos anos 80 que se consolida a ideia de cultura como sendo um conjunto variado de modos de fazer e proceder determinadas pelos grupos sociais, estratégias utilizadas e representadas em situações sociais concretas.

Nos finais dos anos 60, Edgar Morin (1997) afirma que, na sociedade atual, a palavra “cultura” oscila entre um sentido totalizante e um sentido residual, entre um sentido antropológico-etnográfico e em sentido ético-estético, sendo a primeira corrente inerente ou derivada do estruturalismo, e a segunda fundamentada no plasma existencial. Para a compreensão das metamorfoses culturais vividas nos finais dos anos 60 e inícios dos anos 70, propõe a análise da cultura como um programa de estudos.

Numa outra corrente de pensamento, desenvolvida desde o início da década de 40 na Europa e nos Estados Unidos, as teorias sistêmicas entendem a cultura como um conjunto variado de modos de fazer e proceder. Para estes autores, o sistema não é uma unidade objetivamente dada, mas o resultado seletivo das operações colocadas em ato pelo observador a partir dos seus interesses cognitivos e dos seus pressupostos teóricos, determinados por formas culturais. As formas culturais estruturam-se na sociedade e tornam-se referências para as relações quotidianas apesar de, no momento da interação, serem possíveis processos de transformação mediados por aquilo que se designa de meios de comunicação, isto é, a verdade, o amor, o dinheiro, o direito e o poder.

No sistema social, a comunicação não advém somente por intermédio da linguagem, ela se constitui também através de instituições complementares à linguagem, como os meios de comunicação, isto é, aqueles específicos códigos e símbolos generalizados, com base nos quais se estabelecem e legitimam as expectativas recíprocas de vivência da atualidade.

Constituindo uma abordagem diferenciada, mas mantendo a mesma visão de cultura como ação social e construção de realidade, situam-se os trabalhos do sociólogo francês Bourdieu (1979, p. 79) sobre estilos de vida e distinções sociais:

A verdadeira educação deve ser aquela que se coloca numa posição de responsabilidade e liberdade, distanciando-se do controle social, assim como no processo educativo, em que suas normas são definidas de acordo com o tempo, a maneira de pensar, a cultura e a realidade de cada contexto social, podendo concluir que a educação ideal é aquela capaz de perceber as diferenças, respeitá-las promovendo a interação.

Atualmente nas discussões da área da educação, a temática do multiculturalismo, tanto como conceito quanto como projeto, tem ocupado cada vez mais espaço, trazendo para a cena central a problemática da diversidade de cultural presente no mundo contemporâneo.

Um dos maiores desafios postos à educação escolar pública é, justamente, lidar com a questão das várias formas de diversidade presentes no seu interior (nível sócio econômico, gênero, etnia, raça, orientação sexual, religião, idade, etc.).

No presente cenário, a educação escolar tem-se indicado um campo profícuo para a análise do problema da diversidade, encarada muitas vezes em termos de diferenças étnicas, culturais e linguísticas.

Uma educação intercultural é aquela que tem como princípio a interação entre as diversas expressões culturais que constitui seu cenário, não basta saber identificar as diferenças, é necessária a interação entre elas, o reconhecimento e vivência da alteridade.

É sempre bom lembrar que viver em sociedade implica convivermos com situações inesperadas e, às vezes difíceis de serem incorporadas e compreendidas pelo estranhamento vivido. A relação de alteridade, difícil de ser vivenciada mas não impossível, leva-nos a viver com a questão do respeito a diferença e de uma convivência social em que “o outro” deve ser tratado com igualdade de condições e dignidade. É sempre bom lembrar que viver em sociedade implica convivermos com situações inesperadas e, às vezes difíceis de serem incorporadas e compreendidas por nós.

Para citar Foucault (1999, p. 181) “nas escolas, não apenas as relações de poder, mas também as habilidades para lidar com as coisas e as fontes e mecanismos de comunicação constituem sistemas regulados e ajustados”.

A escola é uma instituição regida por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação de seus sujeitos. Ela pertence a uma estrutura social maior na qual fazem parte às crianças pobres e as crianças de poder aquisitivo maior e com mais privilégios, a escola acaba por representar muito mais a cultura das classes privilegiadas, percebidas na formatação de padrões e regras.

É função social da escola, preparar os alunos para que, na convivência com tais valores, possa percebê-los, refletir e redimensioná-los de acordo com suas reais proporções e repercussões. É de fundamental importância que a escola em sua atividade cotidiana observe, ouça, perceba e identifique as ideias, os conhecimentos, as atitudes, os valores e a cultura de sua população. É dessa forma, que a escola deverá adequar-se a seus alunos, pais e comunidade conduzir seu próprio processo educativo.

A escola é um espaço disciplinador, que tem por função preparar o aluno em função de moldes, valores, interesses e padrões vigentes na sociedade, vista como autoritária individualista e excludente é também um espaço de resistência por parte dos alunos. A reação dos alunos seria um indicador das necessidades de mudanças na estrutura.

Foucault (1997, p. 189) diz que

A disciplina é, então, um modo de exercer o poder, uma tecnologia de poder que nasce e se desenvolve na modernidade. O poder disciplinar é exercido em diversos espaços sociais: em instituições especializadas (como os cárceres ou os institutos corretivos), em instituições que a usam como instrumento essencial para um fim determinado (as casas de educação, os hospitais), em instituições que a preexistem e a incorporam (a família; o aparato administrativo), em aparatos estatais que têm como função fazer reinar a disciplina na sociedade (a polícia).

Professores e alunos possuem concepções e expectativas diferentes sobre as relações e os conteúdos ministrados na sala de aula. Temos que perceber os lugares sociais de atuação desses indivíduos e suas respectivas funções e interesses. Um professor pode ser gente boa, desenvolver uma relação de bastante proximidade com seus alunos, até mesmo como um aspecto facilitador das interações em sala de aula, sem, contudo, descartar o seu papel de autoridade, gerando uma disparidade entre os objetivos propostos e a realidade vivida. Os papéis sociais são delimitados como fator de posicionamento e normatização.

Destacando que a escola não é o único espaço de aprendizagem com o qual convivemos, além dos muros escolares vários outros espaços se instituem enquanto normatizadores do convívio social.

Para Bourdieu (1979, p. 27)

A cultura é um sistema de significações hierarquizadas e como tal um campo de lutas entre grupos, com o objetivo de manter determinados privilégios distintivos. Observa ainda que, existindo um campo cultural, coexistem diversas culturas e práticas culturais organizadas – como culturas dominantes, subculturas ou ainda contraculturas – assistindo-se à legitimação, através da especialização crescente dos agentes culturais, das formas simbólicas presentes na cultura dominante.

Assim, as práticas culturais (tanto as suas formas de produção como as suas formas de consumo) tendem a identificar as pertenças sociais, fundadas na lógica da distinção.

Ultimamente pode-se dizer que o conceito de cultura escolar tem sido alvo, de uma atenção que cresce constantemente. Utilizado na discussão das dificuldades correntes e em temáticas escolares, é um extraordinário termo contemporâneo. O termo cultura é um conceito que propaga uma circunstância excelente, já que ressalta as carências da atual situação. A cultura escolar é, ainda, citada nas analogias entre reforma escolar, inovações pedagógicas, autonomia e ampliação das escolas.

De tal modo, Assemelhar-se o termo cultura escolar tende a ser uma consideração unificadora que cataloga inúmeras áreas específicas onde atuam as escolas. Não sendo só um conceito teórico, a cultura escolar, inclui ainda decorrências práticas. Diversos estudiosos ressaltam o caso de esta informação ter agregações positivas que, diversas vezes, são portadoras de esperança em função dos grande problemas diariamente encarados na escola.

Tendo em vista a delimitação do conteúdo do conceito de cultura escolar, o enfoque antropológico é benéfico para a presente finalidade, ainda porque admite a existência de diversas culturas exclusivas e porque dá autoridade à multiplicidade das manifestações culturais e das suas variadas maneiras de manifestação.

Neste sentido, “a cultura escolar é uma cultura específica criada pelo e com o ambiente escolar” (WALTEROVÁ, 2001, 75).

Propaga ocupações culturais e sociais de uma escola, nela concretizadas espontaneamente, como um grupo de pessoas. Assim sendo, o termo cultura escolar é inúmeras vezes seguido pelo benefício de melhoria da vida escolar.

2.3 – O conceito da pluralidade cultural presente nos PCN'S

O tema da pluralidade cultural aborda o conhecimento e à valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais, incentivando o convívio dos diversos grupos e fazer dessa característica um fator de enriquecimento social e cultural.

A escola tem um papel fundamental nesse processo, o papel de uma instituição formadora de indivíduos que tendem a agir de acordo com o conjunto de disposições na qual foram socializados, cabendo a esta o papel desafiador de formar indivíduos ou disposições que constituam a diferença um traço da existência social. Vale destacar que, como nos afirma Bourdieu (1992), nenhum sistema de disposições incorporado pelo sujeito não conduz suas ações de modo mecânico. Essas disposições não seriam normas rígidas e detalhadas de ação, mas princípios de orientação que precisariam ser adaptados pelo sujeito às suas variadas circunstâncias.

Ao analisar a temática da pluralidade cultural é necessário relembrar que as culturas são produzidas pelos grupos sociais ao longo do tempo e de acordo com suas experiências e relações com o meio e com outros grupos sociais. A diferença entre culturas é fruto de singularidades culturais, presentes no contexto de referência, sendo que as mesmas, em geral, são transmitidas pelas representações simbólicas, ou seja, através de tudo que é produzido pela ação humana, e aí leia-se a linguagem, as vestimentas, as ferramentas, as instituições, a fotografia, e em destaque a linguagem oral.

De acordo com os PCNs (BRASIL, 2000, p. 20, v. 10),

As culturas são produzidas pelos grupos sociais ao longo das suas histórias, na construção de suas formas de subsistência, na organização da vida social e política, nas suas relações com o meio e com os outros grupos, na produção de conhecimentos etc. A

diferença entre culturas é fruto da singularidade desses processos em cada grupo social.

Na sociedade em que convivemos, são claras as desigualdades sociais produzidas pela relação de denominação e exploração socioeconômica e política. O que se propõe é o conhecimento e a valorização da pluralidade cultural, contrapondo-se a estrutura autoritária que ainda marca a sociedade através de suas constituições indenitárias.

Segundo Brasil (1998), a desigualdade cultural e a discriminação articulam-se no que se convencionou denominar exclusão social, ou seja, a impossibilidade que alguns indivíduos têm de acesso aos bens materiais e culturais produzidos pela sociedade e de participação na gestão coletiva do espaço público (BRASIL, 1998, PCN).

Porém, apesar da discriminação, da injustiça e do preconceito que contradizem os princípios da dignidade, do respeito mútuo e da justiça, a nossa sociedade tem produzido também experiências de convívio no processo de reelaboração das culturas de origem, propondo-se uma sociedade onde cada cidadão pode ser reconhecido em sua diferença.

O grande desafio da escola é reconhecer a diversidade como parte inseparável da formação da identidade nacional e ter conhecimento da riqueza representada por essa diversidade étnica e cultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, investindo na superação de qualquer tipo de discriminação e valorizando a trajetória particular dos grupos que a compõe.

Espera-se, que na escola aconteça a aprendizagem de que, no espaço público pode e deve ocorrer a coexistência dos diferentes, eliminando-se os preconceitos e discriminações decorrentes de diferenças raciais, étnicas e culturais. Isso, entretanto, só ocorrerá a partir dos trabalhos com os alunos, docentes e demais membros da escola e comunidade, tomando-se como base o contato com informações e discussões não somente durante um período pré-definido, mas sim, sempre que necessário.

A escola deve apresentar a possibilidade de mudar a situação de discriminação praticada contra grupos sociais étnicos e de representações culturais diversas, visto que a instituição escolar deve ser formadora de indivíduos que reconheçam a diversidade cultural.

A educação enquanto instituição social é capaz de combater a discriminação que se manifestam em ações e palavras, sendo necessários se revisitar suas ideologias formadoras que, para que isso aconteça, é necessária uma análise por parte da escola de suas relações, práticas e valores instituídos. Ou seja, “a escola possui um desafio de criar outras formas de relação social e interpessoal, posicionando-se crítica e responsabilmente diante delas” (BRASIL, PCN, 1997).

Sendo assim, será necessário o envolvimento e a mobilização de professores, alunos, juntamente com a comunidade e os demais membros da instituição escolar, para que reflitam acerca dos seus conceitos e seus valores, de modo que, descristalizem concepções que não se justificam no tempo presente.

A escola não somente se cala, mas reproduz a discriminação em suas ações, como, por exemplo, quando as expectativas geradas entre os professores em relação aos seus alunos vinculam-se a situação socioeconômica ou cultural destes, criando um modelo ideal de aluno, muitas vezes, ausente da realidade das escolas. De acordo com PCN (1999, p. 25):

A própria ação educativa é um reflexo da discriminação que ocorre na sociedade, haja vista que as expectativas geradas na relação professor aluno em sala de aula influenciam na qualidade do ensino especialmente para as camadas populares.

O trecho presente acima relata uma situação da qual não podemos fugir, ou seja, que de fato existe a construção do aluno ideal para escola e este não corresponde ao perfil dos alunos de classes econômicas baixas, de minorias inferiorizadas como os negros, indígenas, homossexuais ou deficientes. A cultura identifica e segrega, dita modelos, padrões e rejeições.

Assim, a temática da pluralidade cultural propicia o enriquecimento na prática pedagógica escolar, assim como um compromisso ético de colaborar com as modificações essenciais à construção de uma sociedade mais justa. Ter

reconhecimento e saber estimar a diversidade cultural, saber operar sobre um dos mecanismos de discriminação e exclusão, trazendo a plenitude da cidadania para todos, sendo assim, para vivermos em uma sociedade plural é preciso saber ter respeito por grupos e culturas diferentes que constituem a nossa sociedade.

3 - IDENTIDADE E DIFERENÇA: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL

Pertencer a uma cultura implica constituir-se a partir de determinados hábitos, crenças, costumes e tradições previamente estabelecidos. Estes são adquiridos ao longo da vida e é através dela que construímos a nossa identificação ao social.

Quando falamos em identidade, é impossível não relacionar a diferença neste mesmo conceito, pois ambos são construídos mutuamente, são interdependentes e produzidas nas interações sociais. Para Tomaz Tadeu da Silva (2000, p.16):

A identidade e a diferença são resultados de atos de criação linguística (o que) significa dizer que não são elementos da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. (...) Somos nós que a fabricamos no contexto das nossas relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são interações sociais e culturais.

No caso da identidade, ela se constitui como uma forma de pertencimento a um dado grupo e meio, como se esta fosse uma característica independente. A diferença se estabelece nas relações de estranhamento com o outro, concebida como auto referenciada. Quando dizemos que são concebidas mutualmente e que são interdependentes, queremos dizer que, o que o identifica também o diferencia enquanto ideia de pertencimento.

As identidades eram herdadas há alguns anos atrás, ou seja, as tradições pautavam a vivência do sujeito, entretanto, na atualidade, esta vivência se complexifica devido a uma intensificação das relações sociais de um tempo em constante ebulição. Segundo Nora (1993) vivenciamos um processo de aceleração da história, onde as identidades são costuradas nas relações imediatas.

[...] não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que **a identidade é uma construção**, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. (SILVA, 2009, p.9).

No atual temporalidade, a diversidade cultural se funda no processo de constituição do espaço social, estabelecendo um grande desafio para o contexto educacional, que é constituído de uma clientela heterogenia e portanto deve primar pelo respeito às diferenças, desenvolvendo um trabalho sem exclusões.

A escola como espaço de produção de saberes, deve produzir estratégias para que estes conhecimentos estejam disponíveis a todos sem distinção de classe, cor, sexo e/ou religião. Oferecendo um ensino que respeite a diversidade que institui o espaço escolar e que seu currículo esteja fundamentado em uma proposta de trabalho a serviço da eliminação de qualquer tipo de preconceito por parte dos educadores, educandos e todos que compõem a comunidade escolar.

De acordo com Silva (2009, p. 98) “pedagogicamente as crianças e os jovens, nas escolas, seriam estimulados a entrar em contato, sob as mais variadas formas, com as mais diversas expressões culturais dos diferentes grupos culturais”. É de tamanha importância que os profissionais da educação entendam que a diversidade cultural existe na escola, saber que é natural, indispensável e carece ser respeitada, e isso necessita ser estimulado especialmente pela escola, uma vez que assim não ocorra tais problemas como as divergências culturais

Embora seja natural a diversidade, a mesma não é acolhida tão naturalmente, e deste modo nasce a discriminação e o preconceito, e para lidar com isso Silva (2009, p.98) diz que, “[...] a pedagogia e o currículo deveriam proporcionar atividades, projetos, exercícios e processos de conscientização que permitissem que os estudantes mudassem suas atitudes” Advertindo que é expressivo elucidar que nas identidades ainda há uma relação de domínio, isto é, relações diferentes que decorrem a sociedade em geral, e os estudantes através do docente carecem ser elucidados quanto a isso:

Essas poderiam ser as linhas gerais de um currículo e uma pedagogia da diferença, de um currículo e de uma pedagogia que representasse algum questionamento não apenas à identidade, mas também ao poder ao qual ela está estreitamente associada, um

currículo e uma pedagogia da diferença e da multiplicidade. (SILVA, 2009 p. 101).

De acordo com o que foi abordado pelo autor supracitado, tal currículo foi batizado de currículo multiculturalista por Tomaz Tadeu da Silva, que assegura em diversos de seus escritos que, não satisfaz exclusivamente estudar e unicamente admitir ou reverenciar a diferença, entretanto deve-se buscar avaliar os processos que determinam as diferenças, buscando dessa forma colocá-la continuamente em questão.

Analisando o espaço Brasil e sua população, constituída na diferença cultural de seus povos formadores, a exemplo de sua colonização, e denominado de nação mestiça, sendo assim um país de diversidade social e cultural, não sendo complicado perceber que as nossas escolas permanecerão carregadas de alunos das mais distintas histórias de vida e de culturas, na qual diversas vezes os profissionais da educação não identificam e muito menos sabem lidar com as tais diferenças, fruto ainda de um preconceito velado na nossa formação cidadã.

Tosta (2009, p. 16) complementa que:

[...] a consciência de que a diferença esta presente no cotidiano da escola e da sala de aula apontam para a necessária reflexão sobre, pelo menos duas questões importantes nas relações que se constroem no interior dessa instituição. Primeiro, que a diferença não esta apenas presente na vida fora da escola, como também atravessa os muros, quase sempre impermeáveis, da instituição escolar. Terceiro, que a forma como olhamos e tratamos a diferença interfere nas relações educativas e, conseqüentemente, nas relações de aprendizagem e de socialização. (2009, p. 10).

A diferença constitui o mundo social e, portanto se torna demasiadamente problemático que o espaço escolar não garanta para o indivíduo o respeito às diferenças, a realidade local e a diversidade cultural. A educação contemporânea precisa ser pensada no desenvolvimento de habilidades e competências que expurguem o preconceito e a discriminação de qualquer prática pedagógica.

3.1 O poder escolar e o desafio docente

Pode-se dizer que trabalhar com a diversidade é mais do que comum, é a própria vivência social e em hipótese alguma deve ser recusada dentro da dinâmica educativa. A escola moderna insere-se num conjunto de modificações sociais, econômicas e políticas, de extensa duração, dirigidas por um sistema social e histórico.

De maneira mais subentendida, contudo não menos interessada, a escola é a instituição no qual, para dizê-lo em palavras foucaultianas, “o espaço onde a disciplina constitui o eixo da formação do indivíduo” (NOYOLA 2000, P. 113).

Pode-se dizer que de todas as metodologias e práticas disciplinarizantes, estabelecidas no campo educacional, o exame é o mais utilizado. De acordo com Bentham (2000, p. 47) a escola é um “aparelho de exame interrupto que acompanha em todo o seu comprimento a operação do ensino”, uma conferição perene que tolera proporcionar e ratificar.

O exame afiança a abertura do conhecimento aos alunos e, do mesmo modo, admite receber deles conhecimentos que cada um resguarda para o docente.

De acordo com Foucault (1975, p. 166) suas três especialidades mais importantes são: 1) inverte a economia da visibilidade no exercício tradicional do poder (o examinador se torna invisível e o examinado permanentemente visível); 2) faz entrar a individualidade no campo documental (dissemina um “poder documental”: o exame é acompanhado de sistemas de registro, métodos de identificação, sinalização e descrição); 3) faz de cada caso um caso (o caso é o indivíduo tal como se o pode descrever, julgar, medir, comparar com outros e a quem se tem que classificar, excluir, normalizar, etc.).

Dessa forma sintetiza Foucault (1975, p. 166) a função do exame:

Finalmente, o exame se acha no centro dos processos que constituem o indivíduo como efeito e objeto de poder, como efeito e objeto de saber. É ele que, combinando vigilância hierárquica e sanção normalizadora, realiza as grandes funções disciplinares de

repartição e classificação, de extração máxima das forças e do tempo, de acumulação genética contínua, de composição ótima das aptidões. Portanto, de fabricação da individualidade celular, orgânica, genética e combinatória. Com ele se ritualizam aquelas disciplinas que se pode caracterizar com uma palavra dizendo que é uma modalidade de poder para o qual a diferença individual é pertinente.

Quão grandemente mais inominado e funcional se contorna o poder disciplinar, tanto do mesmo modo se desempenha sobre sujeitos mais caracterizados. Esta individualização e afastamento deram-se historicamente de maneira cadenciada e gradativa. Das ferramentas do poder disciplinar, o exame fornece para a individualização dos sujeitos de maneira fundamentada e como qualquer outra ferramenta.

Na escola, diz Foucault (1975, p. 166),

A criança está mais individualizada do que o adulto, processo que se consolida a partir de uma profunda alteração da concepção e das formas da aprendizagem. Até o século XIII, os colégios são apenas asilos para estudantes pobres e só a partir do século XV, eles se convertem em instituições de ensino.

Sua máxima compreensão e sua crescente separação interna seguem o crescente anseio social a consideração da infância. Assim como decorrência, de maneira cada vez mais extensa e elaborada, a educação das crianças já não é mais cometida no ambiente dos adultos, em frequência direta com a vida.

Foucault reforçou a ideia de que nas escolas, não exclusivamente as relações de poder, contudo igualmente as habilidades para lidar com as coisas e as fontes e mecanismos de comunicação constituem sistemas regulados e ajustados (FOUCAULT, 1975, p. 166),

Nas escolas, os ambientes são atenciosamente demarcados, o tempo é distinguido por um cronograma conciso, satisfatório e adequado, os aprendizados são constituídas em passos, de maneira tal a exercitar em cada andamento, um tipo de capacidade exclusiva. Um conjunto de formas adequadas de diálogo e um conjunto de exercícios de poder aderem o campo do que é possível compreender, falar, ponderar, refletir e fazer na instituição escolar.

Nas palavras de Foucault (1975, p. 167), “um cada vez melhor processo não vigiado de regulação – cada vez mais econômico e racional – se tem buscado com avidez entre as atividades produtivas, fontes de comunicação e do jogo de relações de poder”.

É importante informar que, não são os professores que exploram os alunos, nem os diretores que reprimem os professores, entretanto todos eles são contidos no interior desses recheados conjuntos de competência, conversação e poder. Tranquilamente, nem todos entram a própria posição referente nesta rede e, por conseguinte, permanecerão contrafeitos de diversas formas por ela, contudo não deve entender-se essa metodologia em termos de exploração ou absolutismo de uns contra outros.

Há urgência em preparar educadores aptos a enfrentar os desafios colocados por uma sociedade em mudança. Ser educador nesta nova dimensão significa comprometimento com a construção de uma nova realidade.

Hoje em dia, pode-se afirmar que a escola solicita um professor, um educador que de certa forma em seu fazer pedagógico expresse as grandezas humana, tecnológica e política e que através desta, seja adequado à considerar os decorrências sociais do trabalho pedagógico e das subordinações que nele intervêm, que saiba selecionar criticamente as orientações de sua práxis.

Nesse mesmo sentido Freire (2006), sugere uma educação problematizadora, no qual desenvolva um sujeito crítico, participativo e influente na sociedade, com o finalidade de modificá-la para que todos tenham iguais oportunidades.

Analisando os princípios enumerados, conectando às ideais de Paulo Freire, torna-se possível destacar o grupo das necessidades de aprendizagens que devem ser contempladas sem que nenhuma delas fique negligenciada. Tais orientações sinalizam para o poder da educação do homem como um novo ser social, cuja evolutividade requer que se aprofunde de modo seguro, o desenvolvimento de projetos individuais e/ou coletivos.

Para Freire (1987), a essência da educação como prática da liberdade se funda na dialogicidade, no diálogo com o outro. O diálogo é uma exigência existencial, não é no silêncio que os homens se fazem e sim na palavra, na ação reflexão, e dizer a palavra não é privilégio de alguns homens e sim um direito de todos os homens, de “todos os portadores de necessidades especiais”.

O papel do educador não é doar ou transmitir o conteúdo, nem falar sobre a sua visão do mundo ou tentar impô-la ao educando, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa cultura.

De acordo, com Freire (1987, p. 81),

A revolução cultural é a continuação necessária da ação cultural dialógica que deve ser realizada no processo anterior à chegada ao poder, esta revolução toma a sociedade em reconstrução em sua totalidade, nos diversos fazeres dos homens, como campo de sua ação formadora.

A organização do trabalho escolar, pensada a partir de uma realidade de maneira suposta admitida, com a cautela do perfil do alunado que se acomode em sua proposta pedagógica, admite então de ser funcional. Porém, disponível para conhecer o que toda criança precisa para crescer, aprender e se desenvolver, é forçada a reelaborar suas abrangências, de costume a dar andamento a uma conversação incontestável, mas necessário para compreender o que o outro tem a dizer neste novo momento da escola, em que o alunado exige que ela se aproprie de suas referências.

Assim sendo, manteve até então a escola o em suas cercanias, vem se desestabilizando e deste modo, se encontra vulnerável. A fim de que, possa se reestruturar carece compreender a educação como prática da liberdade e realizar diferentes aprendizagens, dentre as quais, aprender a habituar-se às diferenças e compreender todos os educandos na teia das relações que se constituem fortalecidas por saberes e conhecimentos advindos da interlocução com a diversidade e para a diversidade é ponto fundamental.

3.2 As políticas escolares frente á diferença

Uma escola democrática se inicia pela perspectiva da diferença, possibilitando a todos a igualdade de oportunidades no processo de aprendizagem, onde se possa alcançar e respeitar as diferenças, e que o principal objetivo seja a busca pelo saber.

Para Penaforte (2009, p. 18)

Como fundamental no processo de construção de uma escola inclusiva. A gestão compartilhada aumenta as possibilidades dos atores escolares assumirem os projetos da escola como de todos, minimizando as dificuldades do contexto e aquelas enfrentadas pelos alunos favorecendo as mudanças necessárias na gestão da sala de aula e conseqüentemente nas práticas pedagógicas. Isto significa transformar as práticas que temos hoje (na sua maioria pautadas no conceito de homogeneidade) em práticas que atentem para as especificidades dos alunos.

Para que a democracia escolar se estabeleça é necessário lutar pelo direito a diferença e fazê-lo valer, é necessário uma adequação nas políticas escolares onde os alunos de forma alguma sejam desvalorizados e inferiorizados pelas suas diferenças, que os professores tenham sempre em mente que as crianças sempre sabem alguma coisa, e sempre tem algo a oferecer, e que todos podem aprender, que todos tem direito à educação de qualidade, independente da origem étnica, racial ou social, a única coisa que vai ser importante é acompanhar a criança de acordo com seu jeito e o seu tempo.

Atualmente vivemos num mundo muito desigual, de muitas diferenças, de poucas ou quase nenhuma oportunidade para quem menos tem e pode, o caminho para mudar essa situação seria quem tem mais poderia ajudar a quem tem menos, para termos uma vida mais justa para todos, embora esse tenha que ser um compromisso de nossos governantes: “Toda criança tem direito à igualdade, sem distinção de raça, religião ou nacionalidade” (Declaração Universal dos Direitos das Crianças de 20 de Novembro de 1959).

Só que na prática isso não acontece, vemos que o ensino escolar brasileiro é aberto a poucos, principalmente para as crianças especiais, fora a inclusão que tem sido pouco compreendida em relação as mudanças educacionais, porque só garantir o direito não quer dizer que a criança vá aprender, é preciso que haja verdadeiramente às mudanças na educação.

Sabemos também que há muita resistência ainda, que assim sendo é um enorme desrespeito e preconceito também por parte dos que não fazem a lei ser cumprida, são preconceitos que distorcem todo o sentido da inclusão escolar.

Segundo Hemmingson e Borell (2002) promover a educação inclusiva tem como pré-requisito a participação efetiva dos alunos a qual, está relacionada ao ambiente escolar.

Sustentar uma igualdade que respeite a diferença é o que espera-se de uma política escolar bem estruturada, no qual apresente formas de tratar a questão das diferenças, mas compreender o sujeito é uma tarefa ética que implica em tratar a questão da existência das diferenças com a normalidade.

Segundo Hines (2008) a atuação da direção é fundamental para o sucesso na transformação de uma escola para uma perspectiva inclusiva. A ação da direção é importante no sentido de guiar, estimular e facilitar a colaboração entre os professores do ensino comum e entre estes e os professores especializados tendo o trabalho coletivo como tarefa incontornável por parte do contexto escolar.

A principal questão para a política escolar frente à diferença parece conviver na habilidade que ela tem ou não de tornar-se legitimamente obstinação ao sistema do qual ela nasce.

O problema da diferença não é que ela exista, mas é o que ela associe a um valor comparativo que lega virtude a uns e defeitos a outros. O termo deficiência prevê um efeito que não se tem e que outro tem. Mas o que admitimos com eficiência não é algo natural, mas cujo sentido é historicamente desenvolvido e que a partir daí não visa senão buscar a perenidade.

As políticas escolares devem implantar uma escola regular onde a diferença se acentue como deficiência e o fato de que esta, tenha se contornado no caso mais comum, necessitaria fazermos interrogar qual efeito isso pode trazer. Afinal este seria o princípio de qualquer postura responsável, questionar-se não somente pelas apropriadas intuições, mas, além disso, sobretudo pelo o que ocorre quando as colocamos em atitudes concretas.

A diferença está na maneira como ela ocorre, a escola deve acolher todos os alunos, de diversas culturas e etnias, de diferentes mundos e classes sociais, no entanto, quando acontece apenas a integração, o aluno deve se adaptar às exigências e rotinas da escola. Ocorre que hoje, colocam-se alunos especiais nas classes ditas normais para que convivam no mesmo ambiente, mas não ocorre a compreensão e o envolvimento das crianças para uma melhor aprendizagem. As escolas devem receber e adaptar os alunos às suas rotinas, havendo uma inclusão dos alunos de diferentes culturas com os demais alunos e com toda a equipe escolar.

Mas para que isso de fato aconteça, é fundamental a parceria entre os pais e escola, a formação de profissionais da educação, bom uso dos materiais pedagógicos, ambiente físico e adequado, acompanhamento médico e psicopedagógico frequente, entre alunos.

Para que a política escolar frente à diferença funcione é preciso mais do que integração, é extremamente necessário atendimento a todos, individual e multidisciplinar, de modo a se valorizar o que cada um tem de melhor e superar suas necessidades, seja o aluno especial ou não, temos que sustentar uma igualdade que respeite as diferenças e a faça valer apenas.

Vejo que são inúmeros os desafios, mais devemos lutar pelos nossos direitos de sermos diferentes, lutar por direitos iguais, principalmente no que se refere ao espaço de produção da aprendizagem. O respeito a diferença deve ser o principal objetivo dos que buscam uma educação mais justa e preparada para atender a todos, porque juntos somos muito mais.

4 - SIGNIFICADOS E DESAFIOS DO TRABALHO COM A DIVERSIDADE CULTURAL: UMA AÇÃO PEDAGÓGICA

Em uma sociedade em que as distâncias se reconfiguram pela própria relação existente entre tempo e espaço, o contato com outras culturas se torna recorrente, assim como o crescimento de sociedades plurais, onde migrações em massa desenvolveram as suas dinâmicas sociais e culturais, alterando consideravelmente alguns dos padrões sócio-culturais enraizados na cultura de um povo. Ferreira (2005).

Em observação na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Bernardino Bento, na sala de Educação Fundamental I e II com criança da faixa etária de 07 a 15 anos e jovens de 15 a 25 pode-se perceber que precisa de uma abordagem assídua às culturas e classes sociais, bem como a discriminação entre criança de classe média e baixa.

Essa discriminação se dar pelo fato das crianças estarem inseridos no meio tecnológico, elas se apropriam da tecnologia e vão se adequando a esta atualidade, passando boa parte do tempo vendo programas de TV's e transmitem ao mesmo comportamento inadequado a sua idade, refletindo em sala de aula o que ver nos meios de comunicação e também dentro da convivência dos lares, da falta de estrutura das famílias.

Com isso a falta de preparo dos profissionais de lidar com uma nova demanda social, o individualismo começa a expandir a ponto em que o professor tem dificuldades de lidar com esses eventuais problemas, pois não há preparação suficiente ou adequada para o mesmo trabalhar nessa modalidade

O grande desafio da escola hoje é contribuir para formação de cidadãos críticos, conscientes e atuantes. Trata-se de uma tarefa complexa que exige da

escola um movimento que ultrapasse temas, conteúdos e programas. Nessa realização, percebemos o verdadeiro sentido da palavra cidadania.

Esta pesquisa surge da necessidade de refletir sobre o que é cultura e como a escola tem trabalhado a diversidade cultural e qual é a proposta curricular para este desafio, como diz Trindade (2000 pág. 17).

É reservado a escola o complexo desafio de formar indivíduos críticos, conscientes e atuantes, exigindo-se dessa instituição um movimento que ultrapasse a visão conteúdista e que fomente pela diversidade cultural uma proposta curricular de formação cidadã. Nessa perspectiva surgiu o interesse pelo o tema e a necessidade de se realizar um estudo sobre as diversidades culturais e a educação escolar na E.E.E.F.M Bernardino Bento, acreditando que essa análise trará para todos que formam a instituição um maior conhecimento sobre a diversidade que compõe o espaço escolar e acima de tudo, consciência da realidade que os cercam.

Nesse sentido, nossa pesquisa foi realizada a partir da aplicação de um questionário, aplicado aos alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II, do 5º ano do fundamental I e alunos do 5º ao 8º anos do EJA, que teve como principal finalidade, produzir informações e conhecimento sobre os desafios que englobam a promoção da diversidade cultural no espaço escolar.

O trabalho de pesquisa sobre a diversidade cultural no ambiente escolar quase sempre esbarra em caracteres demasiadamente subjetivos. Tal subjetividade é própria da diversidade de interpretações atribuídas à temática. Por isso, nos foi indispensável o levantamento de dados quantitativos e qualitativos na produção das amostragens, objetivando analisar o papel da escola na formação de indivíduos sociais que sejam capazes de identificar, valorizar e vivenciar a diversidade cultural que o forma.

De acordo com o que foi coletado na pesquisa, fez-se a distribuição da amostra por meio da produção de gráficos, o que nos possibilitou uma ampliação de nossa capacidade de tratamento das informações quantitativas e do estabelecimento de relações entre as mesmas.

TABELA 1 – Dados Demográficos da Pesquisa

	PORCENTAGEM %
SEXO	
Masculino	53,5%
Feminino	46,5%
FAIXA-ETÁRIA	
8 – 9 anos	26%
10 – 13 anos	31%
14 – 17 anos	32%
Acima de 17	11%
ESCOLARIDADE	
6º ao 9º do Ens. Fund. II	36,2%
5º ano do Ens. Fund. I	34,5%
5º ao 8º anos do EJA	29,3%

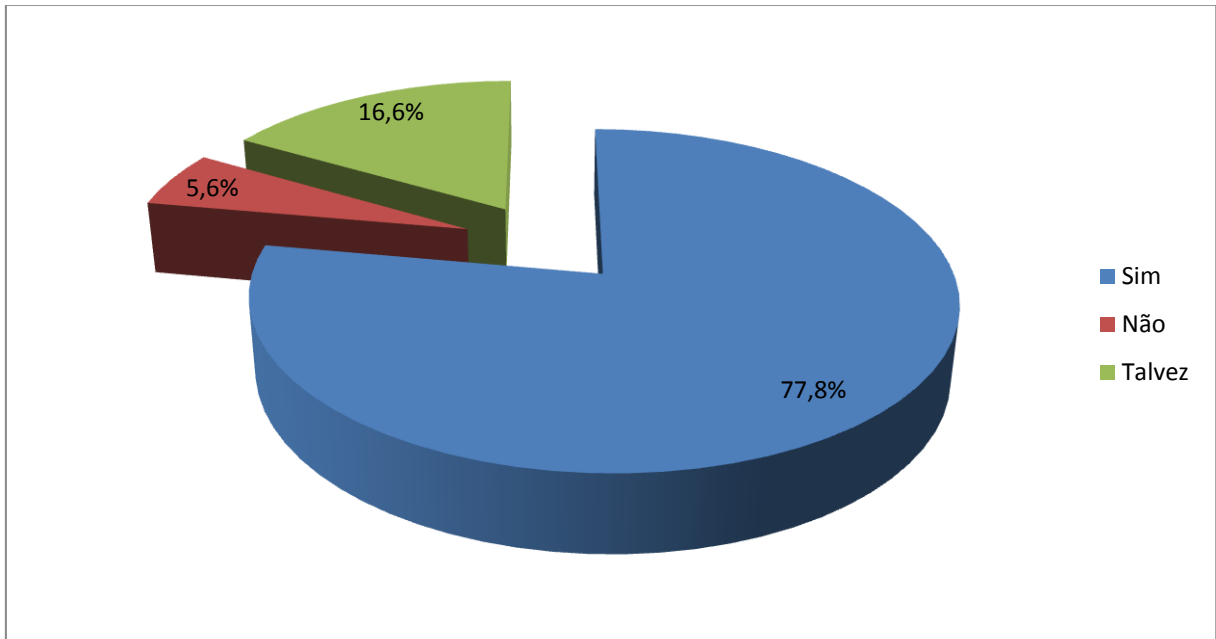
Começamos a aplicação de nosso questionário indagando aos alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II, do 5º ano do fundamental I e alunos do 5º ao 8º anos do EJA, o papel da escola no processo de valorização e respeito a diversidade cultural. A escola constitui-se de uma população de origem social, diversa em cor, sexo, religião.

De acordo com a tabela 1, pode-se dizer que a maioria dos entrevistados são do sexo masculino, correspondente à 53,5%, embora seja um número alto, o sexo feminino também, possui um grande número, cerca de 46,5%, isso nos mostra um equilíbrio, em relação ao sexo dos entrevistados, ao se abordar sobre a faixa etária, pode-se afirmar que, a maioria dos alunos (32%) possuem entre 14 à 17 anos, logo mais, não muito distante, 31% entre 10 à 13 anos, 26% de 8 à 9 anos e acima de 17 anos 11%, o que corresponde a EJA, educação de Jovens e adultos na E.E.E.F.M Bernardino Bento.

Ainda de acordo com o gráfico 1, onde nos mostra um enorme equilíbrio na escolaridade dos entrevistados, no qual 36,2% frequentam do 6º ao 9º do Ensino

Fundamental II, 34,5% 5º ano do Ensino Fundamental I e 29,3% do 5º ao 8º anos do EJA. Isso nos mostra que a diversidade em relação ao sexo, faixa etária e escolaridade é bem significativa.

GRÁFICO 1 – Distribuição da amostra: Você considera que a escola valoriza e respeita a sua cultura?



Fonte: Autoria própria: com base dados recolhidos na aplicação de questionário nas turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II, do 5º ano do fundamental I e alunos do 5º ao 8º anos do EJA da E.E.E.F.M Bernardino Bento.

De acordo com os dados acima representados, podemos analisar que a grande maioria dos entrevistados, ou seja, 77,8% responderam que sim, que considera que a escola valoriza e respeita a sua cultura. Tendo como base esses números, podemos dizer que a escola é o agente institucional do Estado que dentre suas diversas funções, para ela está o papel de educar a sociedade civil, de acordo com os saberes que ela exclusivamente centraliza. E que diante de uma temporalidade onde as identidades se estabelecem, onde suas representatividades culturais se fortalecem, a escola se reinventa no contexto da diversidade, se mostrando preocupada em valorizar e respeitar seus alunos independentemente de suas representações culturais.

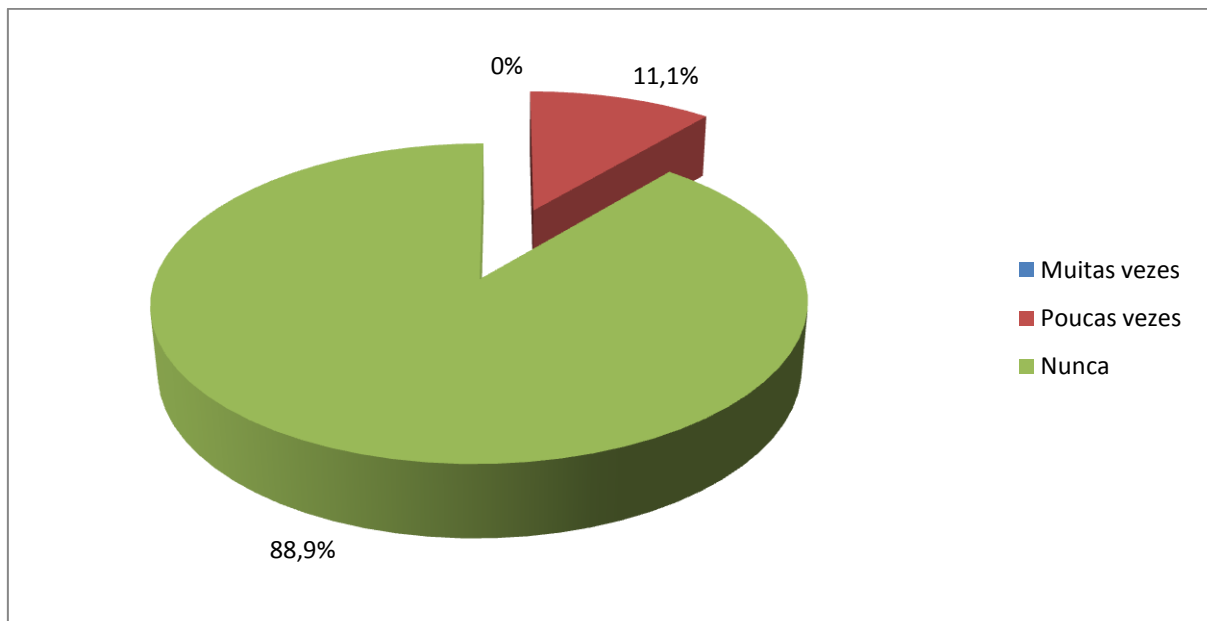
A reflexão sobre a educação, a diversidade e a inclusão não diz respeito apenas ao reconhecimento do outro como diferente, significa também, pensar a vivência, a relação entre “o eu e o outro”.

A escola é um espaço sociocultural, onde as diferentes presenças se encontram; no entanto, precisa-se que essas diferenças sejam respeitadas; e que a garantia da educação escolar, como um direito social possibilitem a inclusão de todo tipo de diferença dentro deste mesmo espaço. A reflexão sobre as diferentes presenças na escola e a capacidade de compreender e se posicionar diante de um mundo em constante mudança, devem fazer parte da formação e da prática de todos os professores.

O conceito de diversidade deve ser indissociável do conceito de qualidade. É necessário, por um lado, dar mais qualidade à diversidade desenvolvendo verdadeiros encontros entre as diversas culturas. Por outro lado é preciso que uma verdadeira “escola de qualidade” celebre a diversidade de todos os seus elementos e a use como alavanca essencial da aprendizagem e vida escolar. Os educadores, como profissionais de educação que são, não podem direcionar-se para um padrão único de aluno, de currículo, de práticas pedagógicas, pois, estes são diferentes em etnia, sexo, idade e crença. Reveja esse parágrafo pois a escola tem como tomar como principal eixo de seu processo a LDB e não deixa de ser um modelo a ser guiado, mas o que não pode acontecer é a produção de uma flexibilidade diante da diversidade que caracteriza esse espaço.

Uma escola inclusiva aceita a diferença independentemente da sua natureza. Isso implica saber responder às necessidades educativas especiais, assim como às necessidades dos alunos que pertencem a outras etnias, ou seja, à diversidade. Cada vez mais a escola é impulsionada a reavaliar a sua prática pedagógica de acordo com as profundas mudanças ocorridas nos últimos anos.

GRÁFICO 2 – Distribuição da amostra: Você alguma vez você já foi alvo de discriminação na sua escola?

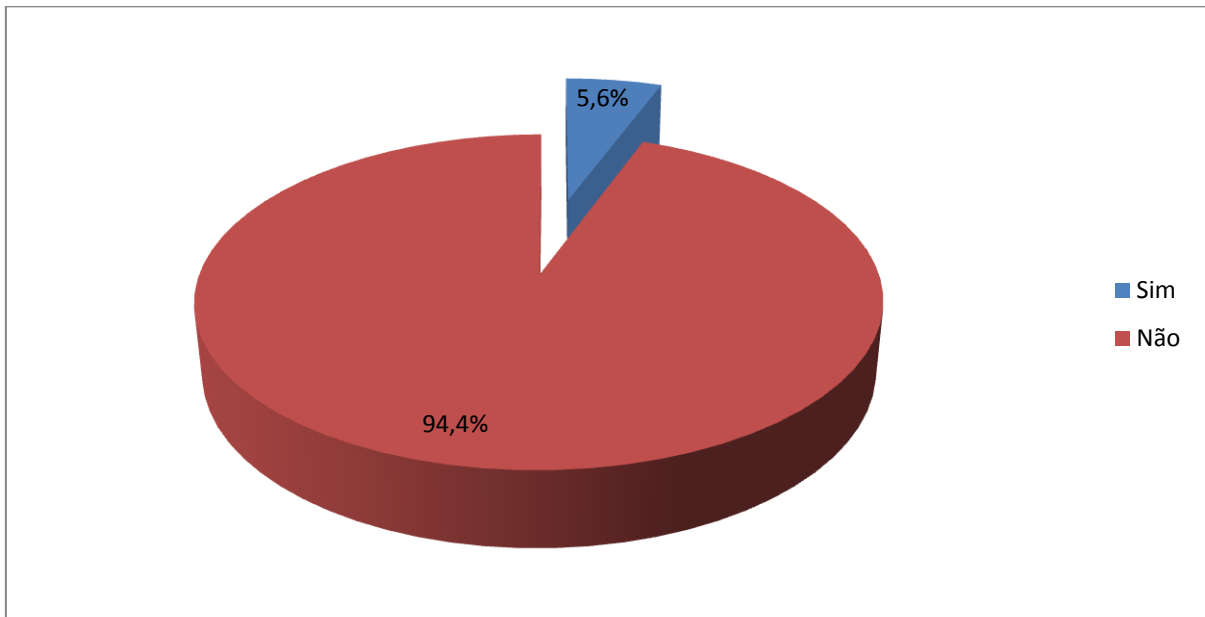


Fonte: Autoria própria: com base dados recolhidos na aplicação de questionário nas turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II, do 5º ano do fundamental I e alunos do 5º ao 8º anos do EJA da E.E.E.F.M Bernardino Bento.

No que diz respeito ao gráfico 3, foi questionado aos entrevistados se alguma vez eles já foram vítimas de discriminação na escola? Ao analisar as respostas dos mesmos, pode-se perceber que 88,9% dos autores entrevistados nunca sofreram discriminação cultural, enquanto que 11,1% afirmaram que poucas vezes, número esse ainda sim muito elevado. Pois o que se espera de uma escola é um ambiente inclusivo e sem discriminação cultural.

Falar em diversidade significa constatar as várias diferenças sociais e culturais e também reconhecer essa complexidade que envolve a problemática social, cultural e étnica. Embora a diversidade sempre tenha estado presente nas salas de aula, na formação heterogênea das turmas, nos diferentes ritmos de aprendizagem, no contato com as várias realidades sociais e culturais, a preocupação em atender a todos, sem exceção, é recente nas escolas brasileiras.

GRÁFICO 3 – Distribuição da amostra: Você considera que em sua escola, existe alguma cultura dominante ou algum grupo de alunos a qual é dado mais atenção diferenciada dos outros?

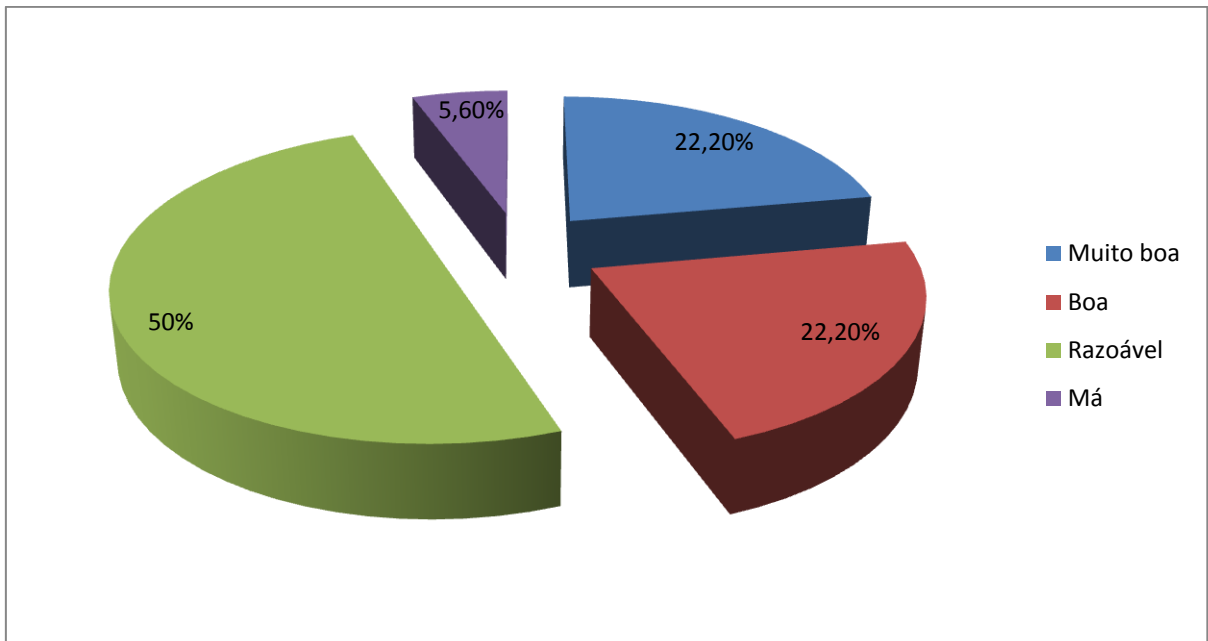


Fonte: Autoria própria: com base dados recolhidos na aplicação de questionário nas turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II, do 5º ano do fundamental I e alunos do 5º ao 8º anos do EJA da E.E.E.F.M Bernardino Bento.

De acordo com o gráfico 4, a maior parte dos entrevistados, ou seja, 94,4% afirmaram que não existe cultura dominante ou algum grupo de aluno que é dado mais atenção. Enquanto que 5,6% afirmaram ter sim uma cultura dominante.

A escola é um espaço disciplinador, que tem por função preparar o aluno em função de moldes, valores, interesses e padrões vigentes na sociedade, vista como autoritária individualista e excludente é também um espaço de resistência por parte dos alunos. A reação dos alunos seria um indicador das necessidades de mudanças na estrutura.

A escola não é o único espaço de aprendizagem com o qual convivemos, além dos muros escolares aprendemos com a experiência da vida. Toda vivência produz aprendizado.

GRÁFICO 4 – Distribuição da amostra: Como você vê a interação entre os alunos?

Fonte: Autoria própria: com base dados recolhidos na aplicação de questionário nas turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II, do 5º ano do fundamental I e alunos do 5º ao 8º anos do EJA da E.E.E.F.M Bernardino Bento.

No gráfico 5, pode-se observar que 5, 50% dos entrevistados afirmaram que a interação entre os alunos é razoável, 22,2% boa, e 22,2% muito boa.

TABELA 2 – Mapeamento étnico

	PORCENTAGEM (%)
VC SE CONSIDERA:	
Branco	42,3%
Negro	54,5%
Índio	3,2%
ONDE VC MORA:	
Zona urbana	76%
Zona rural	24%
VOCÊ POSSUI RELIGIÃO?	
Sim	98%
Não	2%
QUAL A SUA RELIGIÃO?	
Católico	78%
Evangélico	22%
Judeu	-
Espirita	-
Outros	-
EXISTE DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA?	
Sim	85%
Não	15%
ALGUMA VEZ JÁ ABORDARAM A TEMÁTICA SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL NO CONTEXTO ESCOLAR?	
Sim	87,3%
Não	12,7%

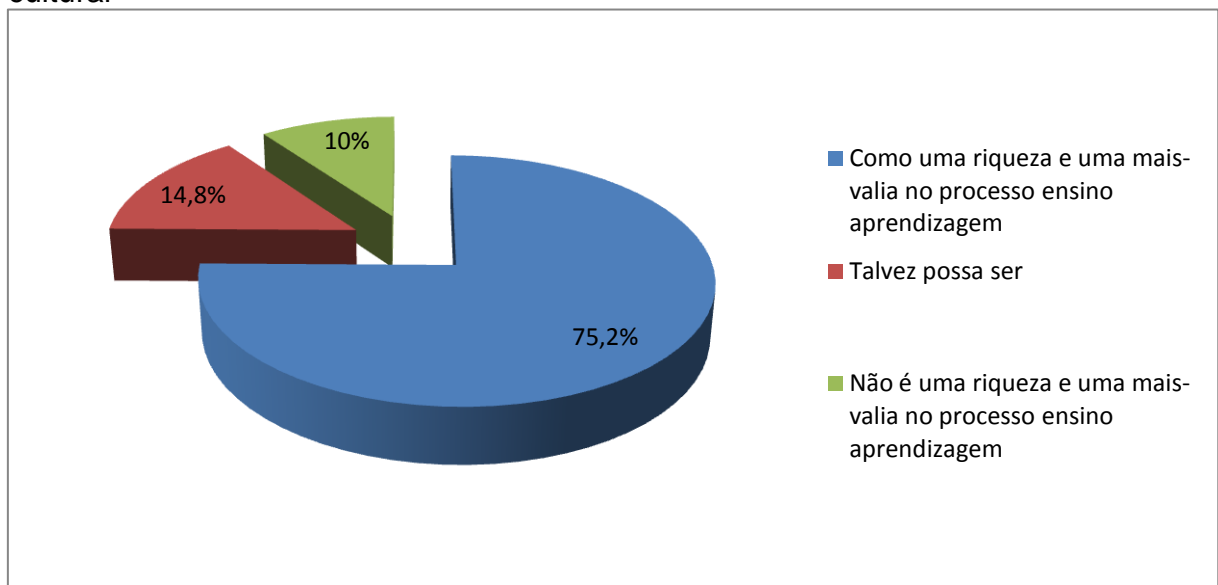
De acordo com a tabela 2, pode-se dizer que há presença de diversidade no espaço escolar. Ao se questionar sobre sua etnia, a grande maioria (54,5%) corresponde à etnia negro, 42,3% Branco e 3,2% Índio. Em relação aonde moram, 76% vivem na zona urbana e 24% na zona rural. 98% possuem religião, enquanto que 2% não, dos que possuem religião, 78% são católicos e 22% evangélicos. Quando se perguntou se existe diversidade cultural na escola, 85% dos entrevistados afirmaram que sim, mas por outro lado, 15% disseram que não existe. Finalizando a entrevista, foi questionado se alguma vez já abordaram a temática sobre a diversidade cultural no contexto escolar, 87,3% dos alunos disseram que sim, e 12,7% que não.

O conceito de diversidade deve ser indissociável do conceito de qualidade. Em necessário, por um lado, dar mais qualidade à diversidade desenvolvendo verdadeiros encontros entre as diversas culturas. Por outro lado é preciso que uma verdadeira “escola de qualidade” celebre a diversidade de todos os seus elementos e a use como alavanca essencial da aprendizagem e vida escolar. Os educadores, como profissionais de educação que são, não podem direcionar-se para um padrão único de aluno, de currículo, de práticas pedagógicas, pois, estes são diferentes em etnia, sexo, idade e crença.

Uma escola inclusiva aceita a diferença independentemente da sua natureza. Isso implica saber responder às necessidades educativas especiais, assim como às necessidades dos alunos que pertencem a outras etnias, ou seja, à diversidade. Cada vez mais a escola é impulsionada a reavaliar a sua prática pedagógica de acordo com as profundas mudanças ocorridas nos últimos anos.

Relativamente à diversidade na sala de aula, concluímos, através dos questionários que a maioria dos alunos (75,2%) consideram a diversidade cultural como uma riqueza e uma mais-valia no processo ensino-aprendizagem, e (14,8%) alunos consideram que talvez pode ser, e enquanto (10%) alunos consideram que não é uma riqueza e uma mais-valia no processo ensino aprendizagem. O gráfico abaixo mostra isso.

GRÁFICO 5 – distribuição da amostra quanto ao que consideram a diversidade cultural



A presente pesquisa foi desenvolvida na E.E.E.F.M Bernardino Bento, acreditando que essa análise trará para todos que formam a instituição um maior conhecimento sobre a diversidade que compõe o espaço escolar e acima de tudo, consciência da realidade que os cercam.

Nesse sentido, nossa pesquisa foi realizada a partir da aplicação de um questionário, aplicado aos alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II, do 5º ano do fundamental I e alunos do 5º ao 8º anos do EJA, no qual foram submetidos a responder o questionário, que teve como principal finalidade, produzir informações e conhecimento sobre os desafios que englobam a promoção da diversidade cultural no espaço escolar.

Se o indivíduo é um ser social em interação com o mundo, e se todos os indivíduos são diferentes, é essa troca de conhecimento que desperta o interesse em buscar constante de aprendizado. Todos nós temos o desejo de saber e dependemos um dos outros para adquirir conhecimentos e desenvolver nossas potencialidades, pois em uma educação que vise o conhecimento e a formação cidadã, a diferença deve ser respeitada e vivenciada em sua plenitude.

De acordo com Fátima e Silva de Freitas (2011, p. 86) “O grande desafio que se coloca para a educação atual é, sem dúvida, o encaminhamento, de forma lúcida, dessas questões de difícil solução”.

Dessa forma, pode-se dizer que admitir a diversidade cultural constitui extremamente mais do que um louvor às diferenças. Representa não somente fazer uma reflexão mais profunda sobre as particularidades dos grupos sociais, mas, também, programar políticas públicas, transformar relações de poder, redefinir escolhas, e discutir a nossa visão de democracia. Precisamos estar dispostos a lutar por esse desafio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa foi desenvolvida com o intuito de nos conduzir a uma reflexão e conseqüentemente, a compreensão das diversas formas da cultura e suas diferenças no âmbito escolar, nos conscientizando que ela não é homogênea, mas composta de uma ampla variedade de informações, de hábitos, costumes, linguagens, religiões, etc.

Na elaboração do trabalho foram abordados alguns temas como o conceito de cultura, o entendimento de diversidade cultural, a discussão do conceito de identidade e diferença do contexto da contemporaneidade, sem esquecer da importância da escola enquanto agente ativo na formação da identidade cultural da sociedade, conduzindo a relações sociais igualitárias reconhecidas e ao respeito à diversidade. A escola tem o papel de acolher e atender indistintamente, incentivando e promovendo o resgate do passado das pessoas, no que se refere à cultura de cada povo, de cada comunidade.

O assunto nos mostrou que não podemos fechar os olhos para as injustiças, preconceitos que geram a discriminação contra um povo, já tão excluído da sociedade e impossibilitado de exercer sua cidadania. Precisamos nos organizar e entender que qualquer tipo de mudança deverá partir do oprimido e não do opressor.

De acordo com Paulo Freire (1982, p.33) “a pedagogia do oprimido, que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos e dos opressores pelos oprimidos, como manifestações da desumanização” observamos criticamente então, que as pessoas estão em busca de liberdade e quase sempre em um momento de libertação não sabem que direção tomar. Freire (1982, p.33) continua seu pensamento considerando “Há algo, porém, a considerar nesta descoberta, que está diretamente ligado à pedagogia libertadora. É que, quase sempre, num primeiro

momento deste descobrimento, os oprimidos, em lugar de buscar a libertação, na luta e por ela, tendem a ser opressores também, ou subopressores”.

Entende-se ainda que é necessário que cada aluno em formação que se pretenda professor, ou agente de educação, ou seja, atuação em escola deve ter a compreensão que é de nossa responsabilidade, enquanto pessoas, ter ética e exercer um papel digno e autêntico diante da educação daqueles que nos foram confiados.

Compreendemos que precisamos falar sobre sexualidade e identidade de gêneros, promover debates e projetos que possam trazer luz aos pensamentos equivocados e discriminatórios, onde as pessoas são tratadas de forma depreciativa com apelidos e zombarias, avaliadas e julgadas por sua orientação sexual, raça, religião, entre outros, sem levar em conta o seu caráter.

REFERÊNCIA

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática (1º e 2º ciclos do ensino fundamental). Vol. 3. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio). Brasília: MEC, 2000.

BRASIL/MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais – Adaptações Curriculares. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental/ Secretaria de Educação Especial, 1999.

BRASIL, Comitê nacional de Educação em Direitos Humanos. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos. Brasília: SEDH/MEC/MJ/UNESCO, 2006.

BRENNAND, Edna Gusmão de Góes, Lebiam Lamar Silva Bezerra. João Pessoa. Ed. Universitária/UFPB. 2009. V.5.

BOURDIEU, P., La distinction, Ed. Minuit, Paris, 1979.

DEMO, Pedro. Complexidade e Aprendizagem: a dinâmica não linear do conhecimento. São Paulo: Atlas, 2002.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____ Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

_____ Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____ Pedagogia da Esperança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. – 1ª. Ed, Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIROUX, H. Praticando estudos culturais nas faculdades da educação. In: SILVA, T. (org.). Alienígenas na sala de aula. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Diversidade Étnico cultural In: RAMOS, ADÃO, BARROS (coordenadores). Diversidade na Educação: reflexões e experiências. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica/MEC, 2003.

GUIJARRO, R. B. Aprendendo com a diversidade: Implicações educativas. In: Congresso Ibero-Americano de Educação Especial, Foz do Iguaçu, 1998.

MALINOWSKI, Bronislaw. Conceito de Cultura. Disponível em: <http://arteselemblogspot.com.br/2009/09/conceito-de-cultura-bronislaw.html>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2014.

MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX: neurose. (Tradução de Maura Ribeiro Sardinha). 1ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MOREIRA, Antônio Flavio Moreira; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos In: Educação como exercício de diversidade. Brasília: UNESCO, MEC, ANPE d, 2005.

FOUCAULT, Michel, Soberania e Disciplina (1976). In: Microfísica do Poder, 1999.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir, 1997/ 1975.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993.

PELLEGRINO, Hélio. De uma carta de Hélio Pellegrino In SABINO, Fernando. O encontro marcado. RJ: Record, 1992.

PENAFORTE, Selene. A gestão para a inclusão: uma pesquisa-ação colaborativa no meio escolar. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2009

SACRISTÁN, J. G. A construção do discurso sobre a diversidade e suas práticas. In: ALCUDIA, R. et al. Atenção à Diversidade. Porto Alegre: Artmed, 2002.

STAINBACK, S. & STAINBACK, W. Inclusão: um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SANTOS, Gilson. Três Pilares no Conceito Secular de Cultura. Disponível em: <http://gilsonsantos.com/2012/05/02trs-pilares-no-conceito-secular-de-cultura/>.

Acesso em: 02 de fevereiro de 2014

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Diferença e Identidade: o currículo multiculturalista. In: Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA Tomaz Tadeu (organizador). Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy; NADER, Alexandre Antonio Gilli & DIAS, Adelaide Alves. Subsídios para a Elaboração das Diretrizes Gerais da Educação em Direitos Humanos – versão preliminar. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.

TOSTA, Sandra Pereira. Reflexões sobre a interface antropologia e educação. Minas Gerais: 10ª Reunião de Antropologia da Mercosul, 2009.

TOURAINÉ, Alain. Um novo paradigma. Para compreender o mundo de hoje. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.